

**João Felinto Neto**

# **Cabaz**

**Com Frutos do Meu Delírio**

Poemas - 1ª edição – Mossoró, Março de 2006

2006 © Copyright by João Felinto Neto

*Cabaz - Com Frutos do Meu Delírio - João Felinto  
Neto*

F315c Felinto Neto, João.

Cabaz: com frutos do meu delírio/João  
Felinto Neto – Mossoró, 2006.

120p. ( 1ª edição )

ISBN: 85-905035-6-9

1. Literatura brasileira – Poesia
2. Poesia norte-rio-grandense I. Título.

CDU: 82(813.2)-1

CDD: B869.1

---

João Felinto Neto  
Rua: Francisco de Assis Silva, 1001 – Santa  
Delmira I – Mossoró, RN  
CEP: 59 615 – 790  
Fone – (0XX84) 3318 4245  
e-mail: joaoneto.felinto@bol.com.br  
Site: joaofelintoneto.xpg.com.br

---

Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios.  
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime  
estabelecido pelo artigo 184 do código penal.  
Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Lei nº.  
10994 de 14 de dezembro de 2004.

*Calaz - Com Frutos do Meu Delírio - João Felinto  
Neto*

*Ao par que providenciou a minha  
vinda.  
Ao meu par.  
Ao meu ímpar.*

## Índice

Dedicatória.....	09
Cabaz.....	10
Auto-retrato.....	11
Gramatical.....	12
Aflora um poeta.....	13
Abstração.....	14
Imaginação.....	15
Sou eu.....	16
Vivo.....	17
Eu, poeta.....	18
Ingênito.....	19
Dimensional.....	20
Dor de cabeça.....	21
Versão de mim.....	22
Amplidão.....	23
Através dos olhos.....	24
Apelos.....	25
Ilusão.....	26
Fracos, fortes e loucos.....	27
Cores.....	28
Exposto.....	29
Incompreensão.....	30
Improlífico.....	31
Rebeldia.....	32
Seria.....	33
Longevo.....	34

Senilidade.....	35
Passagem.....	36
Liame.....	37
O chá.....	38
O que devemos fazer.....	39
O mundo não acaba na esquina.....	40
Jardim.....	41
Sem espelho.....	42
Sublimar.....	43
Sobrenomes.....	44
Quem.....	45
Poetas e profetas.....	46
Painel.....	47
Pecado.....	48
Percepção.....	49
Olhar de garoto.....	50
O passado.....	51
O beijo.....	52
O caminho.....	53
Onde está o poeta.....	55
Outono.....	56
O trio.....	57
O Louva-a-Deus.....	58
Vicioso.....	59
Vôo.....	60
Volúpia.....	61
Venezianas.....	62
Ver.....	63
Um te amo.....	64
Um passeio.....	65

*Calaz - Com Frutos do Meu Delírio - João Felinto Neto*

Vós.....	67
O parque.....	68
Trecho.....	69
Teoria.....	70
Tela de amor.....	71
Desfazer-se.....	72
Degelo.....	73
Afeição.....	74
Aquário.....	75
Assim seja.....	76
A pesca.....	77
Finalidade.....	78
Feto.....	79
Folheado.....	80
Filósofo.....	81
Espaço teatral.....	82
Gigantes.....	83
Gotas.....	84
Hipótese.....	85
Hipotermia.....	86
Infortúnio.....	87
Ingenuidade.....	88
Luto.....	89
Liberdade.....	90
Meu reflexo.....	91
Melancolia.....	92
Musa.....	94
Magia.....	95
Meu coração.....	96
Noturno.....	97

*Calaz - Com Frutos do Meu Delírio - João Felinto Neto*

Enganando-me.....	98
Engano.....	99
Antagônicos.....	100
Empírico.....	101
Contagem regressiva.....	102
Meu ser.....	103
Confissão.....	104
Comparação.....	105
Castiçal.....	106
Condenados.....	107
Cotidiano.....	108
Caminhada noturna.....	109
Cemitério.....	110
Última morada.....	111
Sepultamento.....	112
Poema póstumo.....	113
Fases.....	114
Carbono.....	118
Dama negra.....	119
As cartas.....	120

## **Dedicatória**

Assim como um cesto vai se formando na  
mão  
do artesão,  
os versos vão,  
nos traços do poeta.  
E quando a poesia está completa,  
tal qual o cesto,  
é para outros dedicada.  
Os frutos do meu delírio  
oferto a você dentro de um cabaz.  
Você que quando se alimenta de sonhos se  
refaz,  
absorva-os através da leitura  
de versos na doce loucura  
de minha poesia.  
Jamais  
saberá o paladar desses frutos,  
sem antes, deles ter provado.  
É como querer chegar ao futuro  
sem ter vivido um passado.  
Desejo que estes frutos a pouco  
amadurecidos,  
sejam apetecíveis.  
Agradeço se deles for servido.  
Bom apetite.

## **Cabaz**

Um cesto envernizado  
no qual eu guardo os frutos do meu delírio.  
Um livro anunciado  
e nunca editado,  
intitulado de cabaz.  
Um sonho engavetado e esquecido.  
A cada dia acrescido de uma página,  
uma a uma,  
em poemas despertados pela inspiração.  
Depois de escritos,  
adormecidos no escuro de uma gaveta,  
iluminados pela luz da imaginação.  
Quem sabe ao amanhecer  
possa me surpreender,  
e agradecer-me o resultado.  
As páginas que eram antes separadas,  
estejam editadas  
em um livro encapado.

## **Auto-retrato**

Sou de nascimento,  
humano.  
De substância,  
eterno.  
Na poesia,  
anônimo.  
No comportar-se,  
lépido.  
De índole,  
excessivo.  
De convivência,  
sentimental.  
Na multidão,  
passivo.  
No aspecto,  
normal.  
De opinião,  
inverso.  
De ambição,  
um pouco.  
Na devoção,  
incrédulo.  
No pensamento,  
um louco.

## **Gramatical**

Só em letras imprimo minha alma.  
Mais do que texto  
sou contexto indecifrável.  
Meu sinônimo é antônimo de si mesmo.  
Um sujeito indefinido  
que é objeto de um erro  
gramatical.  
Entre modos e tempos,  
triste verbo  
que ecoa na forma nominal.  
Orações que são subordinadas  
aos meus vícios de linguagem.  
Um início em letras ordenadas  
e um fim  
numa expressão oral.

## **Aflora um poeta**

Assim se fez um poeta.  
Como talhe na madeira  
esculpi minha poesia.  
De uma maneira fria  
infundi minha alma no papel.  
Nas costas de um corcel  
cavalguei por entre versos;  
muitas vezes sem regresso,  
o poema, me tornei.  
De um sono despertei  
enquanto escrevia,  
da caneta então fluía  
as idéias que sonhei.  
Quem sabe se eu errei?  
Foram mais de trinta anos,  
foram tantos desenganos  
que poeta, me tornei.

## **Abstração**

Meu paradeiro,  
não me pergunte,  
é ermo.  
Meu erro,  
um desengano.  
Meu abstrato querer  
é verdadeiro.  
O meu agora,  
é quando.  
Por ser em parte,  
não sou inteiro.  
O meu tinteiro  
é preto e branco.  
Apenas passo pelo primeiro,  
mas sou o último plano.

## **Imaginação**

A metade de mim  
é sonho.  
Do que sonho,  
metade sou.  
Eu não sou  
metade do sonho  
da metade  
que não sonhou.

## **Sou eu**

Estou eu no mundo  
em um lugar em que ninguém me entende.  
Movo os lábios e parece  
que ninguém me escuta,  
somente um louco que para mim sorri  
parece entender o que eu digo.  
Ao reconhecer que o único que me entende  
é um louco,  
aproximo-me um pouco,  
maior é meu espanto  
ao descobrir que o louco  
agora em pranto  
sou eu.

## **Vivo**

Viver  
é para mim  
distanciar-me  
dos que são como eu  
distantes.  
É não procurar ombro.  
É simplesmente chorar  
por alguns instantes,  
por não ficar.  
É querer então, estar  
em mim presente,  
para ver em seus olhos  
que não estou ausente  
da eterna ilusão  
de que vivo.  
Viver  
é para mim,  
seu riso.

## **Eu, poeta**

Eu, poeta, choro agora,  
as lágrimas de outrora,  
de hoje e de amanhã.

Eu, poeta, sou inteiro.  
Sou último e primeiro  
em minha poesia vã.

Eu, poeta, sou reverso.  
Sou verso do anverso  
de ilimitadas versões.

Eu, poeta, sou um homem.  
Minhas ambições somem  
quando perco as ilusões.

Eu, poeta, não existo.  
Sou um ato fictício  
de minha própria criação.

## **Ingênito**

Seguir os passos  
a um lugar perdido na distância;  
entrar na dança  
de um ritual de acasalamento;  
sentir nas mãos  
o instintivo dom  
que vem de dentro;  
ouvir o som  
de vozes ecoadas;  
e nas entonações  
das poesias declamadas,  
revelar-se poeta.

## **Dimensional**

No meu olhar  
está o meu desfecho.  
Sendo eu meu próprio eixo,  
não consigo me deter  
no movimento circular  
do ser.  
Volto a me ver  
numa rua sem fim,  
numa curva enfim,  
volto ao mesmo lugar.  
Olho as paredes sólidas,  
diviso uma janela,  
vejo-me nela  
numa visão secular  
como figura temporal  
traçada no esboço do anormal.  
Sou assim,  
em mim,  
dimensional.

## **Dor de cabeça**

Não consigo decifrar-me no enigma da vida.  
Desconheço a mim  
no escuro sono inconsciente da noite.  
Talvez meus sonhos  
tentem revelar-me ao meu próprio eu.  
Estou sempre questionando  
se são minhas as verdades ou as mentiras.  
Descobrir-me  
é meu eterno problema,  
é minha dor de cabeça.  
Serei culpa de um mundo avesso  
no qual devemos todos ser direitos.  
Posso até estar do lado errado.  
Mas qual seria o certo  
se errado não houvesse?  
Sou uma língua estranha.  
Não consigo traduzir-me.

## **Versão de mim**

Falo de mim,  
ao mesmo tempo  
diante de mim,  
eu me calo.  
Meus olhos me vigiam com vagar,  
e devagar,  
a divagar sobre um princípio  
chego ao meu fim.  
Começo a me despir de mim,  
sem embaraço,  
falando que enfim  
eu me pareço  
com o que eu mesmo sou,  
antagonicamente pessoal.

## **Amplidão**

Meu rosto já não cabe em minhas mãos  
por ser meu pranto  
bem maior que minha face.  
Eu sou em parte,  
parte de mim  
que em mim não cabe;  
sou amplidão.  
Ponho na mão  
o mundo que nela não cabe.  
Peço perdão  
à parte que ainda cabe em mim,  
por meu sorriso,  
é por saber que nada sabe.

## **Através dos olhos**

Inquieto,  
meu pensamento  
movimenta-se por trás dos olhos fixos.  
Compenetrado,  
absorto em uma ampla sala,  
guarda minhas recordações.  
Volta  
no piscar dos olhos castanhos claros  
e percebe o mundo à sua volta,  
desordenado  
pela ordem natural do caos.  
E torna-se real  
no obscuro mundo das idéias,  
a síntese de tudo  
que sou.

## **Apelos**

O que desejo,  
acaba sempre em lágrimas.  
Meus beijos,  
em despedida.  
Ainda não vejo  
para minhas mágoas  
uma saída.  
Os meus apelos,  
que o mundo não saiba.  
Nunca deixei de amar  
por um só dia.  
Já que a voz  
no tempo em mim se cala,  
que minha dor  
não dure a minha vida.

## **Ilusão**

Não abduco de quem sou,  
não por que sou,  
mas por me acostumar a ser.  
Esta é a forma que o mundo me ver,  
não a maneira de saber quem sou.

Sou por extenso e rubricado.  
Sou um grande número cadastrado  
em um pequeno pedaço de papel.  
Sou uma foto três por quatro  
resguardada por um véu  
de plástico.

Uma imagem revelada  
do negativo de um sobrenome.  
Uma figura desbotada  
com o passar dos anos.

Sobre as linhas de minhas digitais,  
rabisquei demais  
meu nome.

Sendo assim,  
tornei-me enfim,  
a ilusão de acreditar  
quem sou.

## **Fracos, fortes e loucos**

Os fracos se suportam  
por serem fracos,  
os fortes se sufocam  
tentando superar  
uns aos outros,  
e os loucos  
toleram a ambos.  
Pois os loucos sabem  
que na solidão  
a saudade é companhia lúgubre,  
as horas se intensificam,  
e os amores se distanciam.  
Sou um fraco na dor,  
sufocar-me-ia sem amor,  
sou um louco.

## **Cores**

Foram pedaços de lápis  
que pintaram minha vida.  
Em preto,  
em branco,  
pintaram meu pranto.  
Em vermelho,  
minha ideologia.  
Em verde,  
o interesse pelo campo.  
Em amarelo,  
um sol que brilha.  
Em azul,  
um mundo em céu  
com um arco-íris  
de utopia.

Em cores vivas,  
em cores mortas,  
são minhas dores.

Não há borracha  
de tempo  
que apague  
minhas cores.

## **Exposto**

Eu pedi  
que meu sorriso  
fosse exposto,  
mesmo a contra-gosto,  
no caderno de tristeza.

Que servissem à mesa  
com o meu cardápio,  
mesmo que meu gosto  
fosse amargo.

Que meus lábios  
fossem lidos  
pelos ouvidos  
que não me escutam.

E que tudo que pedi  
me fosse negado.

## **Incompreensão**

Pensei encontrar uma brecha,  
um buraco,  
uma fresta  
no lençol de estrelas,  
e espiar para fora  
dessa redoma de cor.  
Rasgar o céu  
como uma folha de papel  
azul.  
Rasgar o véu  
para ver a forma  
de seu corpo nu,  
num branco virginal  
de flor.  
Iluminando caminhos,  
hei-me facho de luz.  
Na dor,  
sacrificar-me-ei por nós.  
Suas datas  
são minhas lições de casa.  
Suas falas  
são meus verbos perdidos.  
Na ausência do ser,  
não sou.

## **Improlífico**

Pensei poder me repensar  
como pessoa,  
pensei à toa,  
pois não consigo personificar  
meu próprio eu.  
Às minhas costas  
meu ancestral morreu.  
No meu presente,  
em mim,  
um parente distante  
sou eu,  
a fechar-se  
no livro que nos serve aberto.  
Não acrescento às páginas  
o que decerto  
à posteridade serviria,  
limitando o meu mundo  
entre paredes vazias  
de céu,  
de mar,  
sem a genética luz  
de minha essência vulgar.

## **Rebeldia**

Não quero fazer o sinal da cruz;  
não quero luz  
para me cegar;  
não quero uma outra vida,  
quero a minha vida  
e a mesma chance de errar;  
não quero ver  
a terra comer  
meus próprios olhos;  
não quero ver os meus mortos  
entre corpos  
decompostos;  
não quero sangue nas mãos  
e sim nas veias;  
não quero ver condenadas  
almas alheias;  
não quero ser anjo seu;  
mesmo sob os grãos  
de areia,  
quero ser eu.

## **Seria**

O que seria a vida  
que me fez?  
Um ponto de luz  
num abismo sem fim,  
seria o não,  
seria o sim,  
ou apenas o talvez?  
Seria a vida,  
um colibri  
num vôo constante,  
parado um instante  
em si?  
Seria a flor  
a se abrir  
ao toque do coletor?  
Seria a ilusão do amor?  
Ou ser,  
seria um verbo sem cor  
para definir  
a matiz do existir?

## **Longevo**

Essas marcas do tempo  
no meu rosto  
me revelam  
que já vivi demais.  
Aliás,  
quanto mais será preciso  
se estou na idade  
de meus pais?  
As perguntas  
que fiz em minha vida,  
sem respostas  
ficaram para trás.  
Não encontro uma porta de saída,  
se não saio  
me prendo por demais,  
e atado à vida  
sem sentido,  
sem saber que eu vivo,  
vivo mais.

## **Senilidade**

Um caminho que andei sozinho,  
não é mais caminho,  
é a minha estrada.  
Essa estrada me trouxe tão longe,  
deixou-me na porta de minha morada.  
Namorada que deixei chorando,  
encontrei sorrindo na porta de casa.  
Voltei-me para ver de onde vim,  
de onde vim não tem mais importância.  
Não tenho lembrança  
de quem sou, de quem fui.  
Eu não sei se vale mesmo a pena,  
nessa grande arena,  
ser um vencedor.

## **Passagem**

As minhas míseras atitudes  
são virtudes  
no cotidiano alheio.  
O reflexo no espelho,  
de meus vícios,  
é meu cotidiano.  
Vivo o limite desse pesadelo  
em meus medos;  
o resumo do que sou,  
em meus anos.  
É minha vida,  
uma rápida passagem  
a lugar nenhum.

## **Liame**

Sou livro  
intitulado.  
Um desabafo.  
Sou todo  
em parte.  
Um lacre violado.  
Sou tudo  
num nada  
dissipado.

És flor  
dissecada  
na mão aberta  
em palma.  
És colo e calma  
na casa onde cresci;  
moeda encontrada  
que perdi;  
o berço  
em que nasceu  
minh'alma.

## **O chá**

Estou ficando só,  
e mais gente me cerca,  
na certa  
já fiquei para trás.  
Eu quero paz,  
não quero a porta aberta,  
não quero festa  
por viver demais.  
A última notícia  
desespera,  
eu serei ela,  
não pude escolher.  
Fiquei na solidão  
e na espera,  
apenas o chá na xícara  
continua a me acolher.

## **O que devemos fazer**

Se ainda estou triste,  
talvez seja porque sofro.  
Se a felicidade existe,  
por que morro?  
Minha alma não resiste  
ao eterno desconforto  
do que vê.  
O que aos meus olhos  
me dói,  
como Tolstói,  
o que devemos fazer?

## **O mundo não acaba na esquina**

Abro a porta  
para olhar a lua,  
para mim o que importa  
é achar uma saída para a rua.

Meus passos numa pressa ilusória  
alcançam uma meta pretendida.  
Aos olhos uma visão que fascina,  
ver que o mundo  
não acaba na esquina.

Não posso ser feliz em uma sala  
sem ter a fantasia de partir.  
Em minhas descobertas perco a fala,  
em meu silêncio  
o barulho do mundo posso ouvir.  
Mesmo sem conhecê-lo ainda,  
saber que o mundo não acaba na esquina  
me faz sorrir.

## **Jardim**

Histórias.  
Cada um com um doce sorriso.  
Olhos espertos.  
Cada gesto um sobressalto, um grito.  
Mais um dia na escola do tempo,  
intocável tempo no museu da vida.

Uma flor  
questiona seu próprio néctar.  
Um pequenino deus.  
Um adeus  
ao jardim de letras.

## **Sem espelho**

Ver a si mesmo  
não é  
meramente olhar-se  
num espelho.  
Pois meramente ver-se  
não é descobrir-se,  
é reconhecer a si.  
Descobrir-se  
é justamente não se olhar,  
e sim  
ver-se sem espelho.

## **Sublimar**

Você  
é noite e dia  
um caminho de céu,  
a maciez do véu  
que me toca a alma,  
a doce calma  
do entardecer,  
a liturgia  
de meu fenecer.

Você  
está em mim  
numa imagem retida  
que não me deixa  
desaparecer.

Eu continuo aqui  
numa fotografia esquecida  
no fim do corredor,  
procurando você amor,  
na transparente cor  
da poesia.

## **Sobrenomes**

Não somos tão importantes  
com as nossas caras  
inconstantes,  
nossas falas  
intercaladas  
pelo silêncio.  
Somos sobrenomes  
que talvez não digam nada,  
pois nossa alma  
não atende pelo nome.  
Somos doce mundo,  
triste fundo,  
espelho d'água,  
somos quase tudo,  
quase somos nada.

## **Quem**

Sua mão se perde em sua busca,  
sua busca é sua perdição,  
os seus olhos são  
as suas mágoas  
que em lágrimas  
derramam sua razão.  
Sem razão  
se torna indomável,  
um carrasco  
que chora sua fé,  
uma vítima  
que adora seu algoz,  
uma voz  
que não sabe mais  
quem é.

## **Poetas e profetas**

O poeta escreve torto  
por linhas certas.  
Ao contrário do profeta,  
não redime, não condena,  
não faz da vida um dilema.  
O profeta o futuro vaticina.  
Para o poeta o futuro  
é um muro,  
basta só olhar por cima.  
O que está escrito o profeta segue.  
O poeta simplesmente escreve.  
O profeta é poeta  
quando dorme.  
O poeta é profeta  
quando morre.

## **Painel**

Um painel  
pintado letra a letra.  
Meu pincel,  
uma caneta.  
O cavalete,  
minhas pernas cruzadas  
sob a prancheta.  
A imagem, a mais bonita,  
a poesia.  
Aos olhos de um artista,  
uma figura.  
Aos olhos que a lêem,  
uma mistura,  
não de tintas,  
mas de letras.  
Aos olhos que a vêem  
com calma  
na altura dos olhos do poeta,  
uma tela  
com as cores de sua alma.

## **Pecado**

Perder-se em vão,  
achar-se em mãos erradas,  
no devasso pensamento dos castos.  
Com cruz no peito a purificar-se.  
Pagar de joelhos  
ações invertidas  
no pecado criado por cabeças de santo.  
Encontrar-se sem companhia  
numa cama fria  
e  
partir  
sem pecar o amor.

## **Percepção**

Sentir-se um eixo  
no qual giram vidas em torno de si.  
Olhando rostos que se movimentam  
sem nada sentir.  
Ver-se neles,  
percebê-los como sendo sua imagem  
humana  
retratada nos espelhos de outros  
semelhantes.  
Reconhecer  
que cada um é eixo,  
que cada eixo é vida,  
que cada vida gira  
em torno umas das outras.

## **Olhar de garoto**

Cada passo  
é um regresso no tempo,  
sinto aqui dentro  
saudade no que mudou.

A cada passo que dou  
revivo cada momento,  
a sensação é que o vento  
que sopra  
é meu passado trazendo  
de volta  
velhas lembranças  
que meu presente levou.

A cada passo,  
olho meu mundo  
de novo,  
como um garoto  
olhou.

## **O passado**

O braço ainda empoeirado,  
poeira antiga de criança.  
No movimento do balanço,  
hoje, a cadeira é que balança.

Como a pesar num só momento,  
dois mundos juntos num só tempo,  
em que o abraço de seus netos  
traz o carinho dos seus pais,  
e ao regressar nos seus afetos  
retornam em vidas atuais.

Vento inocente,  
assanha os seus cabelos brancos.  
São tantos anos  
de um passado tão presente.

## **O beijo**

Suicidar-me em sua boca.  
Deixar que sugue minha alma  
num beijo doce e com calma,  
trocaros uma pela outra.

Tal como nossos ancestrais,  
amor eu quero, até demais,  
num ritual antropofágico,  
num ato trágico,  
consumi-la.

Seria a primeira vez  
que um lábio num beijo francês  
trocava a morte pela vida.

## **O caminho**

Saí de casa,  
só sonhos levava.  
Seguia sempre sozinho  
o longo caminho  
que nunca acabava.

No caminho encontrei  
alguém que chorava.  
Troquei os meus sonhos  
por um punhado de lágrimas.  
Continuei no caminho.  
No caminho encontrei  
alguém que cantava.  
Troquei por suas melodias  
o punhado de lágrimas.  
Continuei no caminho  
por dezenas de dias.  
No caminho encontrei  
alguém que corria.  
Troquei por seus passos  
minhas melodias.  
Continuei no caminho.  
No caminho encontrei  
alguém de braços cruzados.  
Troquei os meus passos  
pelo seu abraço.

Continuei no caminho,  
caminho sem volta.  
No caminho encontrei  
alguém sem amigos.  
Dei-lhe meu abraço,  
não quis nada em troca.  
Continuei no caminho.  
No caminho encontrei  
alguém que versos fazia.  
Troquei minha vida  
por sua poesia.

Continuo no caminho.  
Agora sou poeta.  
Eu choro, eu caminho,  
eu canto, eu corro,  
de braços cruzados  
eu abraço,  
eu morro.

## **Onde está o poeta**

Onde está  
o poeta que não cansa de falar,  
que está ficando rouco,  
o poeta quase louco  
que não pára de pensar?  
Talvez rabiscando caminhos  
em papiros, pergaminhos,  
dentro de velhos moinhos,  
ou mesmo em qualquer lugar.  
Alguém pode perguntar  
se é antigo, se é novo,  
se está vivo ou se está morto;  
sendo antigo ou sendo novo,  
vivo ou morto,  
não importa,  
a mais certa das respostas  
é simplesmente,  
o poeta não está.

## **Outono**

Corro por entre árvores  
que se desfolham,  
folhas secas se acumulam no caminho.  
Gotas de orvalho que me molham  
ao som do vento que diz baixinho,  
é outono.

Corro entre as pessoas no parque  
que não se olham.  
Sou mais um entre todos, e sozinho.  
Gotas de lágrimas que me molham.  
Soa estranho  
a voz do vento que me diz baixinho,  
és humano.

Corro em direção ao fim  
e não me encontro.  
Estação sem ano.  
Outono em mim.

## **O trio**

O livro, o relógio e a chave,  
objetos arrumados nessa ordem.  
O livro, um amigo inseparável.  
O relógio, minhas horas não devolve.

A chave abre e fecha minha vida,  
as portas de entrada e saída.  
O livro me transporta pelo mundo.  
O relógio marca tudo por segundo.

O livro leva e traz meu pensamento.  
O relógio continua no seu tempo.  
A chave esquecida não reclama.  
Um trio que a vida inteira me acompanha.

Fecho o livro, fecho as asas.  
Olho as horas, ponho o relógio no bolso.  
É a chave que me traz à realidade,  
que saudade,  
estou de volta em casa.

## **O louva-a-deus**

A minha forma é imperfeição.  
Perfeita ação da natureza.  
Um louva-a-deus  
que não louva a Deus.  
Sou louva-a-deus pela magreza.

As dores que há no coração  
são de tanto dar adeus.  
Adeus que dou com minhas mãos  
imperfeitas como eu.

As minhas calejadas mãos  
são por lutar contra a incerteza.  
É mais uma perfeita ação  
de um predador na natureza.

As minhas asas sempre vão  
aonde não leva a correnteza,  
dessa corrente de ilusão  
com elos feitos de tristeza.

As minhas pernas aonde irão,  
se não caminho com os meus?  
Eu sigo em outra direção.  
Um solitário louva-a-deus.

## **Vicioso**

Tinto degustado em minha boca,  
compunção louca.  
Chego a ser sóbrio,  
no alcoólico sou normal.  
Sou cálice inquebrável de cristal.  
És trinca viva  
que se abre em mim  
esvaziando-me  
do líquido moral.

## **Vôo**

Cercado por corpos  
num trigal sem rostos  
estou.  
Tela original  
da qual  
o autor sou eu.  
Num vôo rasante  
ao paraíso dos corvos  
voei.  
Em minha própria criação  
eternizei  
meu vôo.

## **Volúpia**

Minhas noites são poucas  
em seus braços,  
num compasso de pernas  
entre coxas,  
no contorno da língua  
pelos lábios,  
com malícia em sua inguinal.  
És nas cócegas do desejo,  
um lacrau  
que caminha sozinho, obsceno.  
E com pinças mortíferas  
de orgasmo  
me inocula o veneno  
do silêncio.

## **Venezianas**

A vida  
com sua ingratidão.  
O tempo  
acaricia meus cabelos  
com o branco de sua mão.  
Uma estranha sensação  
de estar revendo meus pais  
pelas venezianas da janela.  
Quem é ele?  
Quem é ela.?  
Os meus olhos me transportam  
aos meus ancestrais,  
desalojam o meu ser  
entre quimeras  
do que eu era  
a muito tempo atrás.

## **Ver**

Ver o silêncio  
de um louco isolado,  
grito abafado  
pelo excesso de razão,  
enquanto uma mão  
inocula o veneno,  
a outra  
tranqüiliza com afago.  
Ver os dois pratos  
da balança no desejo,  
desequilíbrio  
que eleva o mais fraco,  
enquanto desce o mais forte  
pelo peso.  
Ver a si mesmo  
num retrato desbotado.

## **Um te amo**

Beijo, amor e pensamentos  
são motivos para seguir em frente,  
são motivos para voltar aqui,  
e dizer te amo  
em um grito permanente.  
Um te amo às costas  
se estás envergonhada;  
um te amo de joelhos  
para a reconciliação;  
um te amo à noite,  
o mais verdadeiro.  
No aconchego,  
o te amo é paciente;  
de manhã cedo,  
o te amo é café quente.  
Um te amo refaz o corpo inteiro,  
nos prepara para enfrentar o novo dia.  
Um te amo sorrindo  
é alegria.  
Um te amo chorando  
é para sempre.  
Muito embora eu te ame loucamente,  
repetir que te amo  
é poesia.

## **Um passeio**

As ruas cheias, em movimento;  
as pessoas em suas casas;  
no centro,  
as lojas fechadas  
no vazio momento,  
um paradoxo.

Pela janela do ônibus  
uma visão de luar;  
mais um aceno,  
o acento ao meu lado  
agora ocupado;  
continuo ocupado com minhas visões;  
um bar,  
suas mesas, os casais,  
a bebida aquece as paixões;  
os sinais,  
as mesmas direções.

Calçadas, calçadas e não calçadas,  
intermináveis cadeiras  
separadas  
por pessoas desiguais;  
mais uma parada,

uma a mais.  
Uma praça,  
alguém que corre, uma rotina;  
na esquina uma mulher calada.  
Uma pequena viagem  
terminada.

Chego em casa  
na remota cidade onde moro,  
que poderia ser em qualquer lugar do  
mundo,  
uma outra língua,  
um outro rumo.  
Mesmo assim,  
eu continuaria a ver  
um curto passeio noturno,  
como a vida,  
uma viagem poética  
que finda.

## **Vós**

O que buscais vós?  
Porque eu busco fugir de mim mesmo.  
Vivo em constante fuga  
de minha capacidade de terror.

O que temeis vós?  
Porque eu temo o vencedor da luta dos que  
habitam em mim,  
o que sana e o que fere.

O que sentis vós?  
Porque eu sinto medo  
diante de sentimentos tão grandes e tão  
contraditórios.

O que vedes vós?  
Porque eu vejo,  
com vista embaçada  
por lágrimas derramadas pelo sofrimento do  
outro,  
o brilho do olho sedento de ódio.

O que dizeis vós?  
Porque eu digo  
que vós sois eu,  
que não sei quem sou.

## **O parque**

Sons desconcertantes.  
Não temos idade.  
Roda que nos faz gigantes.  
Vemos ao longe as luzes da cidade.

Mãos que ainda mais se unem  
no entrelaçado de seus dedos.  
Risos e gritos se confundem  
nas artimanhas dos brinquedos.

O doce do algodão colorido  
que é repartido entre as pessoas,  
como o sorvete que saiu do líquido,  
é derretido em suas bocas.

Canoa que procura o céu,  
movimenta-se no mesmo lugar.  
Cavalo alado preso ao carrossel,  
mesmo com asas não pode voar.

Chegada a hora de ir para casa,  
nossa alegria se desfez em parte.  
Na solidão da rua mal calçada,  
sentimos falta do velho parque.

## **Trecho**

Todos os outros.  
Somos os outros.  
Somos todos.  
Ainda assim  
somos nós.  
Todos no fim,  
estamos enfim,  
Sós.

## **Teoria**

Adormecida entre braços,  
deixei  
minha velha vida.  
Em minha nova vida,  
sonho  
com o molde do passado.  
Assim vejo minhas mãos  
com os olhos do filósofo,  
também à minha alma.  
Como uma idéia fixa,  
já de costas para a sombra,  
extasiado diante de minha verdadeira forma,  
desperto  
para o mundo.

## **Tela de amor**

Recobri com lápis  
todo o seu contorno.  
Repintei seu rosto  
antes de dormir.  
Contornei sua boca  
com o tom do gosto.  
Seu amor exposto  
colori pra mim.  
Usei todo o espaço  
de uma velha tela.  
Refiz seu abraço  
usando aquarela.  
Terminei seus traços  
com tinta nanquim.  
Fiquei fascinado  
com a imagem bela,  
obra tão perfeita,  
terminada enfim.

## **Desfazer-se**

Vê desfazer-se  
seu rosto,  
papel na água.  
Desfazer-se  
em lágrimas  
a carta que lê;  
tinta borrada  
já não diz nada  
do que tinha a dizer.  
Vê desfazer-se  
seu gosto  
no dissabor de perder.  
Vê desfazer-se  
sua alma;  
vê desfazer-se  
a si mesma  
em você.

## **Degelo**

Manto de neve  
que cobre a paisagem,  
uma bela imagem  
sentida pela pele,  
e com saudade dos dias de inverno,  
rios de lágrimas  
escorrem nas encostas,  
são as montanhas que choram no degelo,  
num triste grito  
se despem em avalanches.

Domar o medo  
diante do perigo  
de um inimigo  
que olha pelas costas,  
fica o silêncio  
e o mesmo olhar perdido  
de uma criança  
que fica sem resposta.

## **Afeição**

Os degraus da escadaria  
que lhes unia,  
eram as dobras do papel  
das cartas de amor.  
Entre as pétalas da flor,  
desfeita  
no movimento da mão,  
mal-me-quer,  
bem-me-quer,  
um resumo do querer num todo.  
Não seria em vão,  
amar ou não  
um ao outro.

## **Aquário**

A inquietude dos peixes no aquário  
é um fato  
para minha consciência.  
Talvez a minha enorme cabeça  
para eles estabeleça  
sua própria existência.

Duas vidas,  
duas figuras geométricas  
nos mantêm aprisionados.  
Os peixes,  
nas estéticas  
linhas de um quadrado,  
e a mim,  
na esférica  
forma do planeta.

## **Assim seja**

Um vento forte,  
um galho quebrado,  
um ninho no chão  
de uma árvore com espinhos.  
Embrião no ovo.  
Cascas separadas.  
Apenas uma fatalidade,  
uma casualidade  
na existência universal dos acontecimentos.  
Haveria outra forma,  
outro desfecho.  
Se não fosse o vento,  
se não fosse o galho,  
se não fosse ovo,  
se batesse as asas,  
seria um dia  
vítima enclausurada,  
com um triste canto,  
num canto da casa  
morreria de tristeza.  
Foi melhor assim.

## **A pesca**

Um arremesso.  
Uma vida pendurada  
por uma vara  
numa linha que nos une.  
Medindo forças  
está presa pela boca.  
Minha vitória,  
sua sorte foi selada.  
Provável morte  
como sempre do mais fraco.  
Quando esportiva, que tolíce,  
a presa é solta.  
Quando por fome  
tem o nome de cadeia  
alimentar,  
meu caro peixe,  
alimentar.

## **Finalidade**

Para riscar o céu  
com o bico da caneta;  
para rasgar o papel  
deixando cair as estrelas;  
para apagar os erros  
com a mesma mão que falha;  
para viver de sonhos;  
para superar meus medos;  
sou poeta.

Sou poeta  
para beber meu riso  
e chorar,  
depois me afogar  
em minhas lágrimas;  
para me acordar  
no céu,  
no purgatório  
ou no inferno,  
quem me dera,  
como dantes  
Dante o fizera.

## **Feto**

Encontre-se mãe  
antes da morte chegar  
até a mim,  
e minha essência em feto  
ao mundo vir.  
Não há engano,  
eu preciso encontrar  
a luz que há na vida.  
Vejo a saída,  
só preciso de uma ajuda,  
mas apenas no momento certo.  
Empurra-me para o ar,  
preciso respirar  
o mundo.

## **Folheado**

Folhas verdes, amareladas e secas,  
costuradas entre galhos.  
Cores diversas,  
como as cores dos retalhos  
dos vestidos das bonecas.  
Cores vivas,  
não tão vivas como as flores,  
seguem os passos das meninas,  
das bonecas aos amores.  
Folhas que caem,  
amores que vão,  
cores que desbotam  
com a própria solidão.  
Vida renovada e colorida,  
fruto de uma nova geração.  
Vento que carrega uma folha despercebida  
nos braços da recordação.

## **Filósofo**

Nas pontas dos dedos  
a criança aflora;  
descobre-se a cada hora  
um mundo de cor.  
No canto da sala,  
o poeta chora,  
no fim do poema  
que não terminou.  
A dúvida mora  
no olhar do filósofo;  
mas como a criança,  
vasculha o lugar  
e tenta encontrar o último verso.  
Enfim é poeta ao admirar,  
ao não desvendar,  
seu próprio universo.

## **Espaço teatral**

O teatro sem aplausos,  
altívago,  
ressoa  
na solidão infinita.  
Imaginada platéia de estrelas.  
Uma plêiade  
que atua a milênios,  
uma nova  
que brilha tão recente,  
um planeta perdido  
que cochila  
na enésima fila  
do infinito,  
uma anã branca  
que pede autógrafo  
a um velho  
sol,  
que reina absoluto  
na fantástica esfera  
teatral  
do universo.

## **Gigantes**

Não sei quem sou ao certo.  
E de certo não seria  
quem sou  
se de certeza soubesse.

Talvez não seja eu  
melhor e nem igual  
a ninguém.  
Apenas sei que sou  
individual.

Não sou um indivíduo a sós.  
Sou bem maior que meu querer,  
por ser em parte  
um gigantesco ser,  
que somos nós.

E nesse nós,  
Não somos só plural.  
Somos cada um,  
um singular,  
essencial.

## **Gotas**

Gotas, em gotas  
que se filtram num funil,  
a multidão se escoia  
numa seqüência infinita  
de gotas  
de lágrimas,  
de suor.  
Gotas em nó  
de garganta.  
Gotas de almoço,  
de janta.  
Gotas para sobreviver.  
Gotas de sono,  
de encontros;  
em conta-gotas de sonho,  
contam-se as gotas  
do viver.

## **Hipótese**

Homem que caminha hoje  
passos de bilhões de anos.  
Revoaste pelos ares,  
rastejaste pelos pântanos.  
Tua matéria estelar  
em átomos ainda existe.  
Foste na terra e no mar  
coisas que nem mesmo viste,  
da mais simples forma viva  
a ti, ápice da evolução,  
também das formas não vivas,  
do universo em expansão.  
Por que quer explicação,  
se acredita no poder  
de sua própria invenção  
da possível compreensão  
do mundo.

## **Hipotermia**

Sentei-me só  
na solitária noite.  
Uma neblina me cristalizou  
na escadaria de um antigo albergue.  
Alguém abriu a porta  
e falou.  
Eu já não o escutava.  
Um vento frio soprava em minha cara  
duras palavras  
fazendo-me tremer.  
Sois vós que vades morrer.  
Sois vós,  
sois,  
sois.  
Num arrepio de morte,  
então me diz por que  
é indubitável a minha triste sorte.

## **Infortúnio**

Se eu plantasse sua alma num jardim  
e regasse com todo o meu querer,  
eu veria seu corpo renascer,  
exalando um cheiro de jasmim.

Sei que a vida não funciona assim,  
pois nem tudo é uma questão de escolha.  
Ao acaso o vento leva folha,  
dessa forma levou você de mim.

Ainda escuto sua voz dizendo sim.  
Por meu punho agora eu confesso,  
gostaria de ver o seu regresso  
não apenas num poema que tem fim.

## **Ingenuidade**

A inocência  
é o reflexo da alma livre,  
a supressão do ódio,  
a liberdade do amor.  
Se assim não fosse  
não haveria diferença em ser criança.  
Enquanto a dança  
é a representação da infância na arte,  
em parte,  
todo adulto é lembrança  
de ingenuidade que parte.

## **Luto**

A morte  
é o empalidecer de um dia  
observado do umbral da janela;  
é a saliência  
entre linhas rabiscadas,  
entre páginas dobradas  
em silêncio;  
é o descortinar despercebido  
da fumaça,  
em uma nuvem que passa  
deixando o céu se impor  
azul;  
é a noite de insônia prolongada,  
na qual o dia esperado  
tarda amanhecer;  
é a fotografia preferida  
a se desdobrar em vida,  
em seu eterno lugar,  
para manter presente  
quem se ausentou;  
é a maior das saudades;  
é dor.

## **Liberdade**

Sofro  
com uma ferida na asa da liberdade.  
Meu vô foi interrompido com ardor,  
pelo furor da glória  
de um caçador sem sonhos.  
Minha visão se turva,  
igual poeira levantada no deserto,  
pelos cascos do cavalo ao vento.  
E o calor  
de um sol quente e abrasador  
queima-me a alma.  
Encarcerados  
continuam meus dias.  
Mas não há prisão  
que apague a chama  
de sonhar-me livre.

## **Meu reflexo**

Melhor que tu  
não sou,  
pois és de mim  
a melhor parte,  
e vendo-te crescer,  
estou  
em parte, entristecido  
por que partes  
na direção inversa  
aonde vou;  
enquanto vais à festa,  
eu volto na lembrança  
ao jardim de infância.

## **Melancolia**

O mundo é tão melancólico  
quanto o ar que eu respiro.  
As lágrimas que transpiro  
circundam o meu coração,  
que é uma pequena porção  
melancólica do mundo.

No pêndulo do meu relógio  
todas as horas são melancólicas  
e infinitamente duradouras.  
Em uma trajetória metódica,  
as horas dimensionam minha vida  
que é mensurável pelo tempo  
de horas de melancolia.

No solo do meu pensamento,  
um relevo de melancolia.  
Do cume onde sopra o vento  
ao eterno abismo de todo dia,  
junto a mim a terra gira,  
gira em si,  
gira em mim,  
melancólico movimento.

Triste verso que invento,  
como sombra que me guia  
pela luz que vem da lua  
cheia de melancolia,  
melancólico movimento,  
melancólica poesia.

## **Musa**

Em meu verso encimado  
és a rima,  
és ainda  
em meu poema  
o toque de inspiração.  
Não sabes tu  
que és o azul  
em minha poesia;  
a mesma cor  
do céu,  
do mar,  
da tinta que me guia  
pelos caminhos  
da imaginação.

## **Magia**

Refletir-se  
no espelho d'água.  
Expandir-se  
pelo universo  
de um mundo inverso.  
Resumir-se  
no caderno do tempo,  
de conteúdo infinito,  
de linhas traçadas pelo acaso.  
Enquanto obra de um gênio mudo  
que é princípio e fim,  
enfim,  
com a agonia de um ser  
que tem na fantasia  
a magia da fé.

## **Meu coração**

Meu coração é tolo.  
Ele concorda com os outros  
e discorda de si mesmo.  
Meu coração não é começo,  
é meio e fim.  
Meu coração é grande e pequeno.  
A grandeza,  
é que sente muito  
pelos males do mundo.  
A pequenez,  
é que talvez  
não sinta nada por mim.

## **Noturno**

Suaves  
seus passos dentro de casa  
no silêncio da noite.  
Pés com meias,  
meias-voltas pelo quarto.  
Falta de sono,  
excesso de sonhos  
descritos em versos  
nos papéis amassados jogados fora.  
Lá fora continua o silêncio.  
Cá dentro  
os passos suaves.  
Ainda durmo,  
que sono,  
sonhos...

## **Enganando-me**

Meus pensamentos são ambíguos,  
umas vezes dignos,  
outras vezes perdidos  
num estado de demência.  
Com ausência de escrúpulos e consciência,  
são pensamentos sofridos  
que me levam ao exílio  
de mim mesmo,  
por opor-me ao que sinto e digo  
numa viagem de instantes,  
imensamente distante de mim.  
E quando volto a ter comigo  
olhando a meu próprio eu  
trajado de inimigo,  
outra vez a mim repito,  
e me pergunto,  
será que sou eu esse inimigo,  
enganando-me e sorrindo,  
e a mim mesmo iludindo  
por pensar  
que eu  
sou eu.

## **Engano**

Pátria!  
Pensa consigo mesma  
não poder se libertar  
do labirinto de miséria em que se encontra.  
Pela janela da lembrança  
põe-se a olhar  
suas crianças no quintal.  
Então consegue compreender que sonha.  
Na verdade  
não há mais criança,  
não há mais quintal.  
Mas resta a esperança  
que ainda haja flores.

## **Antagônicos**

Enquanto procuramos  
vozes nas pedras  
e sentimentos nas rosas,  
enlouquecemos  
ou apenas filosofamos.

Somos pedras com voz  
que não se falam.  
Somos rosas sensíveis  
que se maltratam.  
Temos um coração de pedra.  
Desejamos um mar de rosas.  
Nos apedreamos com as mesmas pedras  
que sustentam o jardim.  
Pedras ou rosas,  
o que somos?

## **Empírico**

Viver é uma farsa,  
uma vontade que passa  
quando paro de pensar.

Posso tocar  
em meu próprio pensamento.  
Sou apenas um invento,  
uma vaga idéia de ser.

Não há fim, não há começo;  
sou um círculo perfeito  
que não pára de girar.

O concreto é minha sombra,  
o abstrato é meu eu;  
vivo em minha criação,  
a mais real ilusão  
é ser eu.

Sou um louco  
nessa vida temporal;  
estou sendo racional  
por um momento.

Ao morrer eu volto a ser  
o que sempre fui,  
um pensamento.

## **Contagem regressiva**

Um homem passaria a vida  
contando seus dias nos dedos,  
não fosse o medo de perder a conta.

O dia não faz conta  
do medo do homem  
perder sua vida  
na perda do próprio dia.

O dedo que aponta o caminho  
anula o destino fazendo que não,  
aperta o gatilho,  
evita o aperto de mão.

A vida levará os dias  
do homem que não leva a vida  
por medo da vida levá-lo.

## **Meu ser**

O meu ser enfadado de pensar,  
por andar entre linhas rabiscadas  
por estradas que não pode pisar,  
não descansa de suas caminhadas  
pelas páginas impressas entre capas,  
arrancando as entranhas do saber.

O meu ser habita a minha mente,  
pelos olhos registra o que ver,  
pelas mãos escreve o que sente,  
nas palavras procura compreender  
o imenso vazio à sua frente.

O meu ser tão pouco sabe ler  
os enigmas que lhe expõe o mundo;  
questiona o vale mais profundo,  
a consciência do próprio existir.

O meu ser procura não ouvir  
os murmúrios de um mundo tão ferido.  
Em meu crânio mantém-se escondido  
esperando a hora de sair  
para um mundo que parece tão real,  
já que é parte de um mundo fictício.

## **Confissão**

Sou apenas um ato desumano,  
entre tantos outros,  
de um desejo insano  
de consumo,  
em uma dimensão limitada  
do poder de possuir.  
Já não se pode redimir  
o santo homem na estrada  
que o leva ao desejo de ter posse de tudo,  
enquanto pisa o chão  
onde há túmulos de inocentes  
que tão diferentes  
não puderam consumir o pão.

## **Comparação**

Entre pétalas perfumadas  
viraste flor.  
Eu deliro amor,  
não escuto a razão.  
Em tuas coloridas mãos  
vejo um pouco do que sou.  
Nesse jardim  
que plantei comparação,  
as gotas de orvalho  
são pingos de suor  
que tornam bem maior  
a minha solidão.

## **Castiçal**

Fujo de mim,  
meu chão se abre.  
Paredes que se fecham  
e me isolam.  
Sombras e credos.  
Releio meus versos:

"Num bocejo abro  
a boca que me engole.  
Gole de ti veneno.  
Gola que sufoca-me.  
Velho casaco  
a me matar de frio.  
Vozearia,  
alguém que canta  
e encanta-se.  
Reapareceste dona,  
em um lugar que não é meu.  
Na minha cama,  
alguém morreu.  
Pergunto quem chama,  
uma voz acalma,  
um pedido de alma,  
acender a chama de um castiçal".

## **Condenados**

As partidas  
nos deixam em pedaços  
no abandono da ida  
sem regresso.  
Despedida envolta nos abraços  
de uma vida  
perdida em mistério.  
É tão cedo  
para dizer o que é verdade,  
a verdade  
não sabemos o que é.  
Sendo Deus  
o nosso desespero e desamparo,  
estamos condenados  
a ter fé.

## **Cotidiano**

Os dias,  
passamos por eles.  
A vida  
já não nos pertence.  
No mundo  
do qual fazemos parte,  
vivemos por posse.  
Nos expomos na vitrine  
do cotidiano  
para nos vendermos,  
para nos comprarmos.  
Passamos a vida  
a nos olharmos  
sem nos percebermos.  
Somos meramente  
manequins que sonham.

## **Caminhada noturna**

Enfileiradas luzes  
que deleitam minha sombra pelo chão.  
Tão solitária rua  
em que caminho na contra-mão  
do destino;  
somente um vento perdido  
a me assoprar aos ouvidos,  
a me dizer:  
-Tendes razão,  
sois só,  
sois multidão.  
Em minha ânsia de ser ouvido  
me perco em meu próprio grito  
num eco sem dimensão:  
-João, João, João ...

## **Cemitério**

Corpos semeados em covas  
demarcadas por cruzes.  
Restos de velas.  
Odor nauseante de morte.  
Desconhecidos que observam  
de seus túmulos  
através de fotografias desbotadas.  
Lábios trêmulos  
que murmuram ladainhas.  
Ao calor do sol,  
por entre lápides,  
há olhos em pranto.  
Ao pudor da lua,  
sob a terra,  
há homens que descansam  
na única e eterna  
paz.

## Última morada

Na casa do teu desterro  
um fecho cerra a entrada.  
Não há cortina à janela  
para ocultar os teus medos.  
Há um espelho quebrado,  
pedaços de quem se olhar.  
Num quarto de lua partida,  
uma mortalha em retalho.  
Não há bem vindo na porta.  
Não tem sala de visita.  
Há sempre uma rede armada  
como armadilha perdida.

## Sepultamento

Os meus olhos pregados  
no infinito  
como os pregos nas tábuas  
cravejados,  
e de pontas viradas,  
redobrados,  
sustentados e fixos  
numa curva.  
No aconchego da madeira macia,  
minhas costas  
nos ossos da bacia  
consolam meu corpo  
tão curvado.  
Pelo tempo que tenho acumulado,  
a ferrugem do mundo  
me comeu,  
e a tampa que pregam  
me prendeu  
para sempre num rito consumado.  
Por debaixo da terra  
condenado  
a ser parte da mesma  
e não ser eu.

## **Poema póstumo**

Eu quero ser uma velha lembrança no  
cardápio;  
que o meu melhor retrato  
fique exposto às visitas;  
algumas flores e declamações poéticas  
em meu túmulo,  
nada de rezas  
nem de missas.  
Não quero escândalo,  
apenas lágrimas reservadas;  
deixar saudades  
é o intuito de quem morre,  
não seja forte,  
apenas viva.

## **Fases**

Eu lembro que via,  
sentado no acostamento da rodovia,  
as rodas dos caminhões  
que giravam  
como as vidas  
em torno de suas cargas.

Agora me sento  
no banco quebrado da praça,  
observando os rostos das pessoas  
em suas caminhadas  
matinais,  
dóceis animais  
de carga.

Os mesmos rostos,  
repetitivos,  
mas por mim esquecidos,  
são como novos,  
nunca os vi.

Vejo o jornal de hoje,  
amanhã o verei como de ontem,  
e digo: - Já o li.  
Há uma notícia de um homem que foge,  
uma foto com a cara do infeliz,  
feliz.

Eu me encorajo  
e acho  
que ainda posso andar sozinho.  
Perco-me no caminho  
por desistir de encontrá-lo.

Quase que perco a fala  
pelo tanto que perguntei.  
Quem tem boca  
chega em casa,  
sem saliva, mas cheguei.

Na lua enfim espiei  
que quatro fases havia,  
se havia São Jorge,  
não sei,  
que era cheia eu sabia.

Na cidade ajunta gente.  
No campo há junta de bois.  
Parece que a lua nasceu no campo  
e foi pra cidade depois.

Assim como a lua  
também temos fases.  
Somos minguantes, crescentes.  
Quando novos, cheios de nós.  
Em quartos, somos dois.

Quatro pontos sei que havia.  
O meu pai me dizia que eram cardeais.  
Cardeais eram homens da igreja,  
dizia minha mãe.  
Quem dá mais?  
Leilou suas virgens.

De brincar, ir à escola,  
de namorar e casar,  
sentar no canto da sala  
e ver o tempo passar,  
são muitos dias,  
mas passam tão depressa  
que não é preciso pressa.

Talvez a lembrança  
seja a maior companheira,  
a cada dia traz de volta o dia-a-dia  
que ficou para trás na poeira,  
ou talvez não seja.  
A lembrança nos persegue sem pudor,  
é tortura permanente na saudade.

Da distante idade  
que eu tinha  
a idade que no instante tenho,  
há um imenso espaço de vida,  
há um pequeno espaço de tempo.  
Viver nunca é demais.

Os cenários  
acompanham o calendário.  
Vejo do berço  
os desenhos na parede,  
no meu quarto de solteiro  
vejo formas nuas,  
dessa cama de casal  
só fotos suas.  
Olhando o punho dessa rede  
eu balanço nossas recordações.

Numa massa inconsistente  
as emoções moldam minha face,  
e no espelho da vida  
meu olhar se expressa diferente.  
Minhas fases se revelam  
em face ao olhar  
alheio.

Última fase.  
Descanse em paz.  
O nome por completo,  
aqui jaz,  
João Felinto Neto.

## **Carbono**

No carbono eu vejo  
o avesso  
d'aquilo que escrevo.  
Assim não me esqueço  
dos versos que fiz.  
E no inverso,  
eu leio a mim  
no carbono que diz:  
És um traçado  
em forma espiral  
num universo  
de linhas elípticas;  
és imortal  
no natural  
carbono da vida.

## **Dama negra**

Eu sempre fui levado a temê-la,  
dama negra,  
meu fim,  
minha alma presa  
na profunda escuridão.  
Um dia por acaso a encontrei,  
a vi sem disfarce,  
hei-me a mais bela face,  
tão próxima,  
que aos seus lábios me entreguei.  
À morte eu amei,  
um bom tempo fui amado.  
Mas de alguma forma eu deixei aquela  
cama,  
havia saído do coma  
onde estava aprisionado.  
Mas à bela dama negra eu jamais  
esquecerei.

## **As cartas**

Queixo-me talvez,  
quando através de minha letra,  
pois a escrita não espelha  
a minha timidez.  
Também confesso  
o quanto quero vê-la outra vez.  
As cartas  
são para mim uma saída.  
Aprisionados em minha voz  
estão meus pensamentos.  
Como é estróina  
essa forma de me confessar.  
Não foi à toa  
que escreveu Pessoa,  
que são ridículas  
todas as cartas de quem diz amar.